

ZERO

EDITORIAL

Não se pode afirmar que esta edição de ZERO foi concebida dentro dos padrões normais do jornalismo gráfico. Ela se processou de uma forma completamente atípica por inúmeras razões que contextualizam o atual momento da Universidade. As oito páginas deste tablóide concentram o esforço de um grupo de alunos que cursa a sexta fase do Curso de Jornalismo da UFSC. Refletem, acima de tudo, o *background* adquirido desde as disciplinas da primeira fase - uma trajetória marcada por diversas greves e transformações as quais a Universidade experimentou.

A execução prática de um jornal gráfico, a princípio delimitada a duas fases, acabou tendo três e até quatro etapas por força das interrupções que fizeram com que a UFSC tivesse, entre 1984/85 a mais atípica passagem de ano que se conhece desde a sua fundação. Além de dificuldades quase intratáveis que tiveram de ser ultrapassadas, ZERO quase capitulou junto com a fracassada greve de 90 dias dos professores das Universidades Federais.

Ilustre produto germinado na época em que a política educacional equivocadamente foi marcada pela criação indiscriminada de novos cursos acreditava-se que, no futuro, os novos cursos em implantação teriam os mesmos estímulos dados aos já existentes - o de Jornalismo atravessa uma de suas maiores crises.

Chegamos a níveis tais onde um departamento de rádio recebe um mísero jogo de pilhas como dotação de material para todo um semestre. Acresce-se o crônico problema de falta de espaço físico, que até hoje impediu que o Curso de Jornalismo reunisse numa só dependência todas as suas turmas, sem contar a repentina e inacreditável rotatividade

de professores que promoveu defecções profundas no grupo inicial dos docentes que nele trabalhavam desde a sua implantação.

Mas nem tudo está perdido. Graças ao esforço coletivo dos professores e o entusiasmo vocacional dos estudantes, que nas salas de aula ensaiam seus primeiros passos rumo ao mercado de trabalho, o Curso de Jornalismo da UFSC é cotado entre os dez melhores do País, segundo uma pesquisa de âmbito nacional. Foi uma conquista que a incompetência dos burocratas que administram a Educação e a Cultura neste País e a sua tão conhecida má vontade para com o Ensino Público não conseguiu ofuscar.

Mas mesmo diante de um contexto tão desalentador sabe-se que muita coisa pode ser feita internamente. Uma proposta realmente democrática que nos destaca a nível nacional precisa de uma reinjeção de ânimo que polarize estudantes e professores rumo aquilo que todos desejamos. A de colocar na rua turmas de formandos capacitados a ponto de serem absorvidos pelo mercado de trabalho, e não de engrossarem as fileiras de desempregados de nível superior. Jornalista quer escrever, não quer vender cachorro-quente.

Até bem pouco tempo a Coordenação do Curso de Jornalismo ainda não dava certeza que o trabalho executado pelos alunos da sexta fase seria impresso, ou seja, chegaria à sua forma final. E isso somente foi possível graças ao empenho da direção do Centro de Comunicação e Expressão, a cargo das professoras Maria Elisabeth Mendes de Albuquerque e Regina Carvalho Pacheco, diretora e vice, respectivamente. O CCE assumiu as dificuldades financeiras do curso e bancou a impressão das edições.

EXPEDIENTE

Reportagem, Redação, fotografia, diagramação e edição: Avanir Luciane Herzmann, João Martim Debétio, Marcos Heise, Maria Isabel Orofino Schaefer e Vânia Aparecida Mattozo. Orientadores: Cesar Valente, professor da cadeira de Técnicas de Edição e Ilustração; Ayrton Kanitz, Carmen Rial e Luiz Lanzetta, professores da cadeira de

Jornalismo Gráfico. Colaboradores: Alemão Bayer, Jucélia Fernandes, Orestes Araújo, Pedro Antonio de Melo, Sandro Shiguefuzi, Valentina Nunes, e José Augusto Custódio. Jornal da turma 683-B e 683 nas disciplinas corespondentes da sexta fase do Curso de Jornalismo da UFSC.

Penitenciária Estadual tem remoção garantida para São José ainda no atual Governo

Página 3

Apufsc e Asufsc defendem a linha progressistas mas desempenham de maneira contraditória

Páginas 4 e 5

A rotina do HU: filas, falta de espaço físico, carência de funcionários e excesso de burocracia

Página 7

Veleiro pirata trazido à Ilha para levar ilhéus e turistas a passeio



Ancorado sob a velha ponte Hercílio Luz, próximo ao histórico Forte de Santana, o barco "Lendário" decora ainda mais a paisagem local.

BEBEL SCHAEFER

Os turistas que visitam a Ilha de Santa Catarina, e também as pessoas que nela vivem, contam hoje com mais uma opção de passeio de lazer. Trata-se de um grande e antigo veleiro, presente de alto nível que Fpolis recebeu, da classe Schunnar, que está ancorado sob a Ponte Hercílio Luz, no antigo cais do barco Flo-mar.

Este veleiro, chamado "Lendário", tem o tamanho de 65 pés e a idade de 40 anos, e foi trazido para a Ilha de Santa Catarina para realizar passeios nas baías Norte e Sul, "charters" para ilhas costeiras, visitação à Fortaleza de Anhatomirim, passeios para balneários próximos como Canasvieiras, Porto Belo e Armação. Além disso, funciona a bordo um bar requintado e bem equipado, que serve bebidas estrangeiras e apresenta som ao vivo.

Mas o interessante não é só isso. Este barco carrega consigo uma história mágica, cheia de mistério e misticismo. Trazido ao Brasil por uma família holandesa que deixara seu país por motivo de perseguições aliado ao medo da Segunda Guerra Mundial, depois de 15 dias à deriva, sem leme e sem rumo determinado, o barco chegou à costa paulista no ano de 1948. Desde então, o Lendário ficou abandonado e esquecido no estaleiro Guarã, na praia de Guaratuba, litoral paranaense, durante quase 30 anos.

Atualmente Nina Lupion, neta do ex-governador paranaense — pessoa que comprou a embarcação quando chegou ao Brasil — descobriu que investir e restaurar o barco seria um negócio rentoso, além de

divertido. Junto de seu marido João Chaves Neto, deu início a um trabalho de recuperação do material pertencente ao barco que havia sido extraviado durante o tempo que este ficou abandonado em Guaratuba. Para Nina, o nome do barco já define sua história: "Ele é mágico, cheio de lendas e mistérios", ela garante.

Em estilo holandês, o Lendário tem seu casco todo de ferro, dispõe de 5 cabines para casal, e mais uma grande cabine na proa com 3 beliches. Conta ainda com um amplo salão de festas de 20m², com um bar e com uma cozinha muito bem equipada.

"Restaurar o barco foi como voltar atrás no tempo e na história", diz Chaves Neto. Segundo ele, o barco quando chegou ao Brasil, era equipado somente com material de alto luxo, pois a família que o trouxera era riquíssima. "Eles são atualmente os donos da Batavo e Brasolanda".

Nina conta que a louça era toda de porcelana chinesa, os pés de mesa eram golfinhos esculpidos em madeira de lei, escotilhas de bronze, vidros bizotados, faqueiros de prata e copos de cristal. "No entanto, o que é de original pouco temos", garante Chaves Neto. Isto porque no período em que ficou adernado e abandonado, as pessoas que ficaram

para cuidar da embarcação se encarregaram de levar o que ele tinha de riquezas.

Segundo Nina Lupion ele era todo pintado em Flamengo, o que na década de 50 seriam obras de arte de grande valor, e também o seu interior todo esculpido a mão com detalhes belíssimos. "Não haveria hoje, dinheiro que pagasse o valor que este barco possuía", ela afirma.

Para o casal, o trabalho de reconstrução está relativamente fácil. "A batalha mais dura está sendo exatamente a recuperação deste material extraviado", afirma Nina. Segundo ela, a equipe de carpinteiros liderada por um francês, está tendo grande preocupação em remontar o barco o mais fielmente possível, seguindo o estilo e linha que este possui desde sua chegada. "O material extraviado não pertence a ninguém, e sim ao barco". Chaves Neto informou ainda que vários exemplares que pertenciam ao Lendário já foram localizados. "O antigo timão é atualmente lustre na casa de uma pessoa de projeção em Guaratuba". "O faqueiro de prata está em Fpolis, na residência de um casal que há anos atrás "cuidou" da embarcação".

Florianópolis foi escolhida para receber o Lendário por ter um verão agitado e precisar de mais opções de lazer. Para o futuro, Nina e Chaves Neto pretendem terminar de equipá-lo e quem sabe levá-lo para o litoral paulista ou carioca. Segundo eles, a frase que melhor identifica um velejante é: "Não sei". Se o barco ficará aqui por um ano ou dois, se será levado para o Norte, se darão a volta ao mundo com ele, os bons ventos dirão.



Nina e Chaves Neto, radiantes com a aventura e o desafio.

Bebel Schaefer

A nova Penitenciária deve sair ainda no atual governo perto da Colônia Santana

Orestes Araújo

Com um prédio construído há 153 anos e abrigando 286 detentos, a penitenciária da Capital terá em breve novas instalações. Numa área com um milhão e meio de metros quadrados, em São José, o Governo do Estado construirá a nova penitenciária. O terreno onde hoje está instalado o presídio está avaliado em torno de Cr\$ 250 mil o metro quadrado. Nesta obra em São José, será construído um presídio feminino, uma solução considerada definitiva para mulheres presas e espalhadas por Cadeias Públicas do Estado de Santa Catarina.



AVANIR LUCIANE HERZMANN

Ainda dentro do mandato do Governador Esperidião Amin a Penitenciária da Capital será transferida para uma área de um milhão e meio de metros quadrados, fazendo parte de uma obra a ser construída pelo Governo do Estado. Esta área localiza-se bem próximo à Colônia Santana no município de São José e o projeto — já aprovado por lei — que está sendo encaminhado pela Secretaria da Justiça encontra-se em fase inicial de levantamento das condições do terreno.

Este projeto, segundo informou o diretor da Coordenação das Organizações Penais do Estado Evaldo Vilela, prevê a construção de um presídio masculino com capacidade para 500 detentos, uma prisão feminina para 100 mulheres condenadas a penas mais longas, um Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico com 150 leitos abrigando ala feminina e masculina, um Centro para menores infratores de alta periculosidade com capacidade para 50 menores e ainda, ressalta Vilela "se sobrar dinheiro" um presídio para presos em flagrante, em prisão preventiva e condenados em grau de recurso ou seja, uma espécie de Cadeia Pública.

O prédio da atual penitenciária será demolido após ser aprovada uma lei para a sua desativação. A extensa área — que nem o Diretor da Penitenciária Amauri Vieira e nem Evaldo Vilela sabem precisar o tamanho — será negociada com uma firma empreiteira que em troca do terreno construirá a obra em São José. A firma construtora que ficar com o terreno terá bons lucros pois, de acordo com corretores imobiliários

aquela área está avaliada em torno de Cr\$ 250.000 o metro quadrado. Permanecerá no local a Cadeia Pública e a Casa do Albergado, recém construída.

A PENITENCIÁRIA DE FLORIANÓPOLIS

Das três penitenciárias de Santa Catarina, a de Florianópolis é a que conta com maior número de detentos, 286. Com 152 funcionários e instalada num prédio construído há 153 anos, a penitenciária da Capital possui um esquema de funcionamento voltado para a Labor-terapia — a terapia através do trabalho — onde os presos prestam serviços internos ou externos ganhando um pecúlio mensal e adquirindo uma profissão. O chamado Departamento Industrial (serviços internos) possui tipografia e encadernação, marcenaria, acolchoaria e estofaria, vassouraria, sapataria (convênio com Bolas Globo de Blumenau) e a limpeza de telefones (convênio com a Telsel). Ainda dentro do mesmo departamento há os serviços de Apoio Administrativo como o almoxarifado, limpeza e conservação, padaria e cozinha.

O dinheiro arrecadado através da venda a particulares do que foi produzido, como por exemplo vassouras e colchões, ou através dos convênios mantidos com empresas, vai para o Fundo Rotativo e serve para a construção de pequenas obras dentro do presídio que não poderiam ser realizadas apenas com a verba recebida do Governo do Estado.

Há, dentro dos serviços externos, a recuperação de engradados de bebidas num convênio firmado com a Pepsi-

Cola e com a Coca-Cola. As empresas dão todo o material, inclusive ferramentas, e neste setor trabalham 35 homens. Em novembro do ano passado a arrecadação foi de Cr\$ 2.148.543, sendo Cr\$ 580.934 distribuídos entre os presos e o restante revertido para o Fundo Social que, entre outras coisas, serve para a compra de presentes na época de Natal, aquisição de nova aparelhagem de som etc.

A penitenciária tem ainda o Serviço de Utilidade Pública, com turmas fixas que prestam serviços no CIC, Base Aérea, Reitoria da UFSC, Refloresc e Secretaria de Turismo.

Na área de alimentação a penitenciária conta com cinco hortas que ajudam no abastecimento diário, mas não são o suficiente. Há um cardápio formalizado trimestralmente e uma equipe de detentos fica responsável pela cozinha.

A estatística penitenciária informa que na Capital 68% dos crimes são contra o patrimônio (estelionato, roubo, latrocínio, etc) e envolvimento com tóxicos. A incidência de homicídios é de apenas 10%.

De 40 em 40 dias mais ou menos, são feitas reuniões dos detentos com o diretor. São chamados cinco presos, sempre diferentes dos que compareceram à última reunião, não havendo assim representação com característica de liderança. Neste encontro eles fazem reclamações e reivindicações que são discutidas e às vezes atendidas, foi o caso de uma reivindicação feita na última reunião, que os detentos pediram, para quem pudesse adquirir, a permissão de televisores nos cubículos.

Uma das últimas novidades com rela-

ção a penitenciária de Florianópolis é a construção de uma casa para encontros conjugais. A obra está sendo construída pelos próprios presos e estará pronta em breve. Composta por quatro apartamentos de 12 metros quadrados, a casa de encontros conjugais servirá de instrumento de incentivo à disciplina e as regras de utilização ainda serão estudadas.

Cinquenta e duas mulheres esperam penitenciária feminina

Cinquenta e duas mulheres condenadas a cumprirem pena em penitenciárias estão espalhadas em cadeias públicas pelo Estado, pois não há em Santa Catarina penitenciária feminina.

Uma área, onde hoje é atual Cadeia Pública de Biguaçu, foi sugerida e estudada pela Secretaria de Justiça mas ficou fora de cogitação por motivos não sabidos. Outra solução seria a construção dentro do terreno da penitenciária da Capital, mas a hipótese foi descartada por falta de espaço físico.

A última solução encontrada foi a transferência para a Colônia Penal, em Canasvieiras que encontra-se desativada e em total abandono. Se esta solução não for colocada em prática, resta a estas cinquenta e duas mulheres a espera de mais uns dois anos até a construção do Presídio Feminino em São José.

Apufsc e Asufsc em discussão

Diferenças de atuação causam atritos entre as duas entidades do campus

Abreu e Verani creditam a Apufsc
como uma associação independente

VÂNIA MATTOZO

Uma associação independente de vínculos com a administração universitária ou com partidos políticos, que tem por objetivo o encaminhamento das questões docentes, além de fornecer assistência básica (convênios de saúde e comerciais) aos seus associados. Essa é a definição da APUFSC (Associação dos Professores da UFSC) como entidade, dada pelo seu presidente, professor Hamilton Carvalho de Abreu, que acrescenta: "Somos uma entidade-massa, democrática, que está aberta a todas as tendências políticas, cujo único compromisso é com as suas instâncias deliberativas, a saber: Conselho de Representantes dos Departamentos e as Assembléias Gerais".

Abreu conclui que a consciência política dos associados é muito boa, sinal disso é o grande comparecimento às assembleias gerais convocadas e o reconhecimento, a nível nacional, da associação como uma entidade combativa. "Na maioria das vezes, existe unanimidade de opinião quanto a movimentos reivindicatórios e posso dizer que somos tidos como uma associação efetivamente atuante" — afirma.

Oposição interna existem, mas os principais eixos de luta são comuns: reivindicação pelo ensino público e gratuito, pelos direitos dos docentes e pela democratização da universidade. E foram estas propostas, além da pretensão de aumentar a parte assistencial, que formaram o programa de ação da chapa empossada nas eleições realizadas em agosto de 84. "Pela primeira vez na história dessa associação concorreram duas chapas. Foi uma eleição bem disputada e fico contente, pois as eleições que se caracterizavam pela chapa única, agora revelaram maior interesse de participação dos professores. A APUFSC está alcançando seus objetivos", afirma o atual tesoureiro Luiz Henrique Westphal Verani, também presente à entrevista.

APUFSC E ASUFSC

Abreu não nega que existam atri-

tos entre as duas associações e coloca o por que desses problemas: a atitude independente da APUFSC. Ele cita um exemplo recente como ilustração: "Uma publicação no boletim da ASUFSC taxou de dissonante da cerimônia o discurso feito por nós no dia da posse dos novos diretores de centro. Nesse discurso levamos a nossa posição de que a comunidade universitária deve ser ouvida e os eleitos devidamente empossados, o que não ocorreu no centro de Ciências Biológicas. Por isso levamos o nosso protesto ao fato de o poder não ter acatado o princípio que norteou a eleição do reitor e dos outros oito centros que realizaram eleições. Se isso desagradou a ASUFSC, nós não sabemos o porque".

O presidente assegura que a associação não pretende responder a tais provocações, "porque não temos outro compromisso a não ser com a representatividade democrática e mesmo porque não pretendemos entrar em polémicas vazias".

Contudo, Abreu acha que existem lutas comuns que podem tornar viável uma ação conjunta, mas descarta a criação de uma entidade única: "Os interesses são diferentes e os problemas específicos das categorias devem ser encaminhados pela sua respectiva associação".

SERVIÇOS DE
ASSISTÊNCIA

A APUFSC, criada há nove anos e com 1.330 sócios, está procurando ampliar também a sua atuação dentro da comunidade universitária, através da criação de mini-associações. "Elas deverão ter atividades próprias e uma certa autonomia, mas sempre com o apoio do núcleo", afirma o tesoureiro, pro-

fessor Verani. Essas mini-associações compreenderão a APUFSC-Tour, destinada a facilitar a compra de passagens e "apoio ao lazer e trabalho dos professores"; o Jornal Já que está sendo reeditado com uma tiragem de 2 mil exemplares e o Sistema de Compras Comunitárias que pretende, através do Cheque-APUFSC, facultar aos associados a aquisição de bens de consumo. Essas novas medidas virão suprir a falta de uma cooperativa que, segundo Verani, é muito dispendiosa. "Criar uma cooperativa é antieconômico, pois o nível de salário dos professores é baixo e isso dificulta a manutenção da infraestrutura. Não adianta criarmos um sistema dependente de outros".

Inéditas na história da APUFSC, que sempre procurou proporcionar apenas medidas de assistência política, essas mini-associações atenderão às necessidades econômicas dos associados, como há muito tempo faz a ASUFSC. A nova medida fez-se necessária desde que o salário dos docentes não atendeu mais às suas necessidades básicas. "Atualmente, em vista das circunstâncias, a preocupação da APUFSC deixou de ser apenas políticas, apesar de conti-

nuar sendo de importância fundamental pela inexistência de um sindicato, voltou-se também para o aspecto assistencial", diz Verani.

Para tanto, a associação pretende ampliar sua rede para abrigar todas as mini-associações que criar, já que a atual não comporta mais os serviços necessários. "Pretendemos nos mudar para uma sede funcional e sem ostentação, pois a entidade não é rica", assegura o tesoureiro que cita os fatos como provas: "Afinal, os 1.330 sócios contribuem apenas com uma mensalidade regulamentada pelo estatuto, que prevê uma reduzida porcentagem do salário, ou seja, hoje os professores pagam Cr\$ 7.081,00 pelo direito de participar dos Convênios de saúde e comerciais, e a partir desse ano, das outras mini-associações que serão criadas".

A necessidade de ampliação da sede se deu junto com a necessidade de ampliação de seus objetivos assistenciais, principalmente depois do malogro da última greve, em que os professores não conseguiram ter suas reivindicações atendidas. "A atual saúde econômica da APUFSC é um espelho do nível salarial dos docentes das Universidades Federais", desabafa Verani.



Verani, o atual tesoureiro da APUFSC, afirma que a associação está atingindo seus principais objetivos

A Asufsc acredita em diplomacia
para dirigir suas reivindicações

VÂNIA MATTOZO

"Não é verdade dizer que a Asufsc é atrelada à Reitoria. Nós procuramos ser independentes, mas não podemos fugir de uma ajuda que estamos reivindicando. Geralmente, conseguimos o que queremos porque não agredimos. E se o Reitor sempre nos atende, por que vamos agredir?" Essa declaração é de Pedro Geraldo Batista, vice-presidente da Asufsc (Associação dos Servidores da UFSC) que acrescenta que quem fala mal da administração universitária são professores de fora. "Pode ver que quem critica o Reitor são professores de outros estados, são estrangeiros ou são simpatizantes do PT". E assegura, convicto: "Esses professores de fora são um problema. São caras que desconhecem a realidade catarinense e que vêm aqui para destruir a nossa universidade, não significando assim concorrência para a universidade da terra deles".

A Asufsc sempre teve caráter assistencial: o vice-presidente acha que não poderia deixar de ser assim,

uma vez que os associados, na maioria, são funcionários carentes: "Justamente por lidar com funcionários de baixa renda é que somos mais paternalistas do que políticos. Temos que dar assistência a muitos que, às vezes, não têm o que comer em casa. Então não podemos ser como a Apufsc, que é, basicamente, política.

ASUFSC E APUFSC

Batista nega que haja rivalidade, a nível de associação, entre a Asufsc e a Apufsc (Associação dos Professores da UFSC) e assinala que o que existem são antipatias pessoais. "Eu não tenho nada contra a Apufsc. Até acho que seria bom se a gente pudesse trabalhar em conjunto" — afirma. Contudo, acha que existem diferenças de programas entre as duas entidades: "O pessoal da Apufsc subestima os servidores, tanto é que existem associações separadas. Nós não fazemos distinção funcional, inclusive temos muitos professores entre os associados e eles vêm para cá, reclamando que a Apufsc não dá assistência ne-

nhuma. Além das vantagens dos nossos convênios, nós trabalhamos em equipe, discutindo com os associados os problemas".

O vice-presidente também fez críticas à Apufsc afirmando que a associação não protesta a ocupação de cargos administrativos por professores: "Exceto as chefias de ensino, achamos isso errado. Eles tem medo de que sejam contratados técnicos administrativos para esses lugares porque sabem que os horários de trabalho vão ser cobrados. Porque, agora, é assim: ninguém cobra horário de professor, mas cobra de funcionário. Aliás, em determinados setores, funcionário é criado de professor" — protesta veemente e exemplifica a discriminação: "Um professor tem atendimento mais rápido no Departamento de Pessoal do que um funcionário.

CONSCIÊNCIA
POLÍTICA

Segundo Batista, os servidores, por serem na maioria trabalhadores de baixa renda, não têm consciência política e são imediatistas: "Eles

querem ver resultados logo, por isso as assembleias gerais sempre se esvaziam. Além disso, sabem o que uma greve pode causar e têm medo disso".

Isso justifica a atuação da entidade: "Sou a favor dos movimentos de luta, mas deve haver ponderação. Sou pela reivindicação diplomática, pois greve é ilegal e se levada às últimas consequências pode trazer problemas". Batista cita a posição do reitor Rodolfo Pinto da Luz, na última greve, como exemplo: "A atitude do reitor de pedir para voltarem ao trabalho foi muito bem pensada. Ele pensou no servidor, porque se acontecesse uma intervenção haveria demissão em massa e a nossa associação ia por água abaixo".

Por esses motivos, a associação prefere não se arriscar: "Só entramos com reclamação trabalhista quando temos certeza da vitória". E frisou: "Porque pensamos no servidor".

SERVIÇOS DE
ASSISTÊNCIA

A Asufsc existe há 15 anos e do quadro de sócios constam 3.138 pessoas, que pagam taxa única de mensalidade: Cr\$ 2.100,00.

A associação oferece convênios com cerca de 20 lojas, supermercados e farmácias e mantém permanente assistência médica-odontológica através do Hospital Universitário, do Posto de Atendimento de Odontologia no Centro de Ciências da Saúde e também de profissionais independentes. Além disso, os filhos dos associados tem direito a jardim de infância e os próprios associados têm assessoria jurídica, através de dois advogados contratados pela associação.

A sede, situada no começo do Corrego Grande, oferece opções de lazer como sinuca, serviço de bar e salão de festas e reuniões. Com o término do pagamento da construção da sede, a diretoria pretende ampliar as instalações com um salão de beleza, uma barbearia, quadras polivalentes e construir um parque infantil para os filhos dos associados na área verde próxima à sede.



Batista afirma que não existe esclarecimento político entre os associados

Grupo de Santa Catarina revitaliza arte dos oleiros

VÂNIA MATTOZO

Os oleiros de Santa Catarina estão se extinguindo. Essa é a constatação de Luís Carlos Canabarro Machado, professor e um dos componentes do grupo NHA'U, pioneira na criação de uma nova Arte-Cerâmica. Canabarro supõe que o NHA'U, que em tupi-guarani quer dizer argila, seja pioneiro também a nível nacional, uma vez que ele desconhece a existência de outros grupos que trabalhem da mesma forma.

Canabarro, como prefere ser chamado por uma questão de identificação ("Canabarro lembra barro e eu estou muito ligado à cerâmica") afirmou que Florianópolis em condições de ser um centro de cerâmica, mas não existe apoio financeiro, principalmente, para os ceramistas. Além do que a indústria está contribuindo para o desaparecimento da cerâmica artesanal. Falando isso, o artista ironizou: "Os filhos de oleiros em vez de seguirem a profissão dos pais preferem conseguir um emprego público, trabalhar na Assembleia Legislativa e arranjar uma aposentadoria precoce".

O TRABALHO DO GRUPO

Apoiado no grande potencial catarinense, em termos de matéria-prima, o grupo NHA'U está reformulando a ideia de cerâmica artística. Pregos, tijolos, cacos de telha, parafusos, sucata industrial, tudo é material para os trabalhos do grupo que é composto por outros dez artistas.

Um dos objetivos do grupo é fazer uma arte mais social, menos particularizada. Eles não aceitam ficar sujeitos à boa vontade do mercado de arte nem tampouco expostos às pressões de competições profissionais. A arte que desenvolvem concretiza-se em trabalhos que pretendem ser uma viagem plena de indagações e surpresa. Por isso o desapego à cerâmica bem comportada.

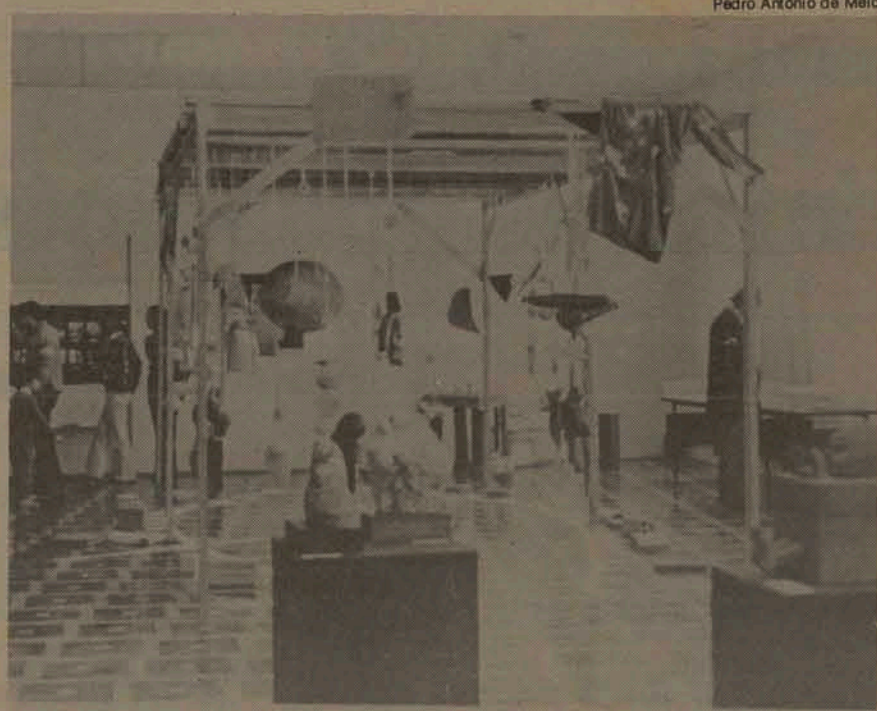
Dentro desse objetivo, encontra-se o papel iconoclasta de Canabarro: ele não aceita o mito de que cerâmica para ser artística precisa ser cozida a 1.300 graus. "Isso é bobagem. Então uma peça de arte fugir dessa regra vai deixar de ser arte? Nunca". Por justamente ser uma nova proposta, o público que assiste às exposições tem reações diferentes, porém dentro das expectativas: surpresa e indagação. Isso acontece porque, geralmente, se tem uma concepção muito restrita de cerâmica: ou ela é estrutural (telhas, tijolos) ou é cerâmica utensílio (vasos, etc). Outro motivo é que só agora as pessoas estão tomando conhecimento da arte moderna. Canabarro diz que ainda falta muito para que comecem a entender esse tipo de arte: "Somente, agora, as pessoas estão aceitando que Salvador Dali é, realmente, um artista. Imagine pretender que aceitem de cara a arte contemporânea".

OS PLANOS DO GRUPO

Esse pioneirismo acarreta um grande esforço pessoal de cada componente, pois fora ajudas esparsas do governo do estado e da Udesc, o grupo é que se autofinancia. Cana, como o ceramista também é conhecido, afirma que o NHA'U está se organizando para dar mais um passo adiante: conseguir se registrar como um grupo de extensão da Udesc, pois a maior parte dos artistas são professores dessa faculdade, onde se encontra o ateliê do grupo. Com isso será mais fácil conseguir verbas e adquirir mais credibilidade.

Outro plano nesse sentido será participar, agora em 1985, de uma Bienal de Artes Plásticas, em Firenze, na Itália. "É assim mesmo: nós só vamos ser valorizados aqui no Brasil, se o formos lá fora" — assegura o ceramista.

As pretensões do NHA'U vão adiante. A ideia é construir uma Fundação com escola, oficina e indústria ceramista que



O primeiro trabalho exposto pelo artista no Rio Grande do Sul

aproveite a matéria-prima catarinense (argila) que é farta e de ótima qualidade. O próprio Canabarro afirma que isso é um sonho e acrescenta com ar confiante: "Vamos ver se conseguimos".

OS TRABALHOS EXPOSTOS

O primeiro deles, quando o grupo era formado somente por Canabarro, sua assistente, Cntia, e mais três artistas que contribuíram com uma "pinelada", foi "Caos e Criação", exposto no IV Salão de Cerâmica do Rio Grande do Sul, em 1980. "Caos e Criação" era composto por um girau, de onde pendiam peças de cerâmica amarradas a um fio, sendo que também foram confeccionados azulejos e dispostos em situação criativa e caótica. Seu objetivo era levar o espectador ao questionamento dos valores estéticos predominantes na cerâmica.

O segundo trabalho, "Ali e na Ação", exposto no 3º Jovem Arte - Sul América, compunha-se de ruínas do que teria sido um casarão colonial, denunciando os conceitos errados de progresso como

fator de esvaziamento dos elementos culturais. O mais recente trabalho foi exposto na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) em São Paulo, e desta vez foi montado um escritório em tamanho normal, com objetos e duas figuras humanas, tudo isso modelado em argila. O objetivo era mostrar através de um caso isolado (um escritório) o sistema de atendimento burocrático, onde o ser humano passa a ter o mesmo valor servil das coisas que o rodeiam.

O trabalho mais ousado, em termos de técnica, é o que vem sendo estudado: produzir uma cerâmica leve, que possa ser atada a um prego e que flutue, daí o nome de cerâmica-balão. Canabarro diz que "ainda estamos pesquisando. Serão feitos muitos estudos científicos que possam viabilizar esse projeto".

Isso comprova o que está intrínseco ao grupo: a arte não estagnar. Cana confirma isso ao dizer que "afinal, a arte é uma das poucas atividades que vai restar para o homem, no futuro".

Atual crise econômica sufoca novos artistas

BEBEL SCHAEFER

O mercado artístico está sofrendo uma séria retração em decorrência da crise econômica que estamos atravessando, e os mais prejudicados com esta situação são os artistas novos, que estão fazendo seus "nomes".

Segundo Janga João Otavio Neves Filho, artista plástico, professor de artes e presidente da Associação dos Artistas Plásticos de Santa Catarina, a crise econômica atinge duas categorias de artistas, e de maneira diferente. Os artistas que já eram conhecidos ou que apareceram durante este período, têm toda condição de sobreviver. Principalmente porque arte continua sendo um investimento muito bom. Em contrapartida, os artistas que estão começando, não têm o apoio dos donos de galerias, pois seus trabalhos não são considerados retorno certo, e muitas vezes não têm onde expor, ficando num "beco sem saída".

Janga afirma ainda que as obras de arte valorizaram muito nos últimos anos. "Mesmo com toda esta crise, certos trabalhos de artistas famosos valorizaram mais de 4000%, isto é, valorizaram mais do que qualquer ação na Bolsa

de Valores, Caderneta de Poupança ou bem imóvel". O problema reflete exatamente nos artistas que estão começando. Afinal de contas é a classe média quem realmente adquire obras de novos artistas. A classe alta se preocupa somente com a aquisição de "medalhões". "Quem sempre comprou casacos de vison continua comprando, a crise não reflete nem um pouco", afirma Janga. Mas como o poder aquisitivo da classe média está completamente diminuído, isto resulta na impossibilidade de um artista novo viver só de arte. "Fiz meu pé-de-meia antes de vir para Florianópolis", declara Janga. Ele afirma que se tivesse que viver só de arte, não sobreviveria. "Acredito que esta situação seja igual para muitos artistas".

A realidade é que aqui, em Santa Catarina, são poucos os pintores que vivem só de arte. Para a grande maioria é necessário outra fonte de renda. Janga declara que muitas vezes os artistas têm que fazer o jogo das galerias, isto é, realizar propostas que não apresentam nada de novo, que são meramente decorativas. "Tivemos aqui na sede da Associação um leilão onde apresentamos trabalhos ótimos de bons colegas. Traba-

lhos pelos quais as pessoas não pagariam Cr\$ 10 mil, não pagariam nem a moldura, pois elas não teriam em casa algo que as fizessem pensar, algo que as questionassem".

Tendo consciência do problema que os novos artistas vêm enfrentando, a Associação dos Artistas Plásticos de Santa Catarina tem procurado dar todo o apoio necessário àqueles que estão iniciando sua carreira artística. Como exemplo disso temos a Exposição Resumo 85, que reuniu mais de 70 artistas, entre fotógrafos, pintores, desenhistas, ceramistas, gravadores, criadores de propostas e performativos, que reunidos pela primeira vez tiveram a oportunidade de mostrar seus trabalhos e melhor que isto, tiveram a chance de conhecerem, de compreenderem sua produção.

Para Elaine Wolter, Coordenadora da Associação dos Artistas Plásticos de Santa Catarina, a exposição Resumo 85, que aconteceu no Prédio da Alfândega, sede da Associação, foi um sucesso em todos os sentidos. "Mesmo tendo sido realizada para fins culturais e não lucrativos, alcançamos um bom índice de vendas", ela afirma. Apesar da maioria dos quadros expostos nesta ocasião não

estar à venda, a visitação foi intensa e houve ótima comercialização. "O propósito foi exatamente lançar no mercado", garante Elaine.

No entanto, o fato de a maioria dos artistas não ter colocado seus trabalhos à venda, demonstra a insegurança em que os novos artistas vivem hoje em dia. Para Simone Freitas, "marchand du tableau" colocar o preço nos trabalhos seria estar correndo risco. Isto reflete o receio que os artistas novos têm em relação a venda de seus trabalhos. "O que sustenta o artista é a venda de seu trabalho, é a aprovação popular. Isto é que faz com que ele cresça e renove sua arte", afirma Simone Freitas, concluindo que "é muito fácil afirmar que não vendeu um quadro porque este não estava à venda".

O melhor caminho para os que estão começando é a participação em salões e exposições coletivas, onde seus trabalhos possam ser analisados e selecionados. Quanto a isso a Associação tem se empenhado na realização de eventos para que os jovens que estão aí, mostrem sua vontade de criar, mudar, melhorar e enriquecer nossa cultura e nossas vidas.

Previdenciários sofrem com a burocracia do HU

VANIA MATTOZO

Um dos problemas do Hospital Universitário é o excesso de burocracia. Isso é o que se constata conversando com previdenciários que dispõem do atendimento do HU. Exemplo disso é o caso de João Klein, um senhor de meia-idade, paraplégico, vindo do interior do estado e que estava com consulta marcada com um urologista para as 8 horas da manhã. Às 10:30 ele não havia sido atendido ainda. Sua mulher, Helena, após tirar informações num dos guichês do SAME (Serviço de Atendimento Médico-Estatístico) ficou sabendo que o médico não viria.

A maior demanda de previdenciários vem do interior do estado, inclusive do extremo oeste catarinense, pois o HU é o único hospital da capital que tem convênio com o Funrural. Quase sempre eles têm que esperar, aliás, essa parece ser a rotina para quem recorre ao HU: esperar para marcar consulta, esperar para consultar, esperar para fazer exames.

Dentro de cada especialidade, existe um determinado número de consultas por dia e muitas pessoas, que têm algum problema grave, têm que esperar dias ou semanas até conseguir marcar uma consulta. Se a consulta já foi marcada, o previdenciário pode se defrontar com outro problema: demora ou o não comparecimento do médico. É Irma, uma estudante de Serviço Social, quem diz: "Já me ocorreu de ter consulta marcada para às 14 horas e sair daqui às 16 horas sem

ter sido atendida". Isso não é tão grave para Irma, que mora no centro de Florianópolis, mas o é para previdenciários que vêm do interior do estado como João Klein, uma vez que são pessoas de pouco recurso e procuram o HU em extremo caso de necessidade.

Quanto ao atendimento dos médicos, Lilian, enfermeira do setor de emergência, afirma que "o HU prima pelo atendimento personalizado". Essa afirmação é contestada por outra enfermeira: "É praticamente impossível se conseguir um atendimento personalizado num hospital que atende dezenas de pessoas por dia". Outra reclamação constante é a inexistência de um guichê de informações. Grande parte das pessoas, principalmente as que vêm do interior, fica rodando pelos corredores durante um longo tempo até achar a sala que está procurando.

Todas essas reclamações ficam no ar, pois o SAME (Serviço de Atendimento Médico-Estatístico), área principal de atendimento e para onde convergem previdenciários do Inamps, Finsocial e Funrural, não deu seu parecer sobre esses problemas. O motivo é simples: para conseguir uma entrevista com uma funcionária do SAME é preciso encaminhar um ofício ao Diretor do hospital, contendo todas as informações que se quer saber e ficar esperando até conseguir ser atendido.

OUTRAS ÁREAS DE ATENDIMENTO

O Serviço de Atenção Primária é



Nos corredores, o tempo perdido

outra área de atendimento, mas somente para alunos e funcionários da UFSC. O atendimento é feito por ordem de chegada e destina-se a casos de pouca gravidade que não exijam um especialista. Se, após uma consulta, for constatada a necessidade de um especialista, a pessoa será encaminhada ao SAME para seguir tratamento. Novamente se entra na fila de espera. Sendo urgente ou não, a pessoa poderá esperar dias até conseguir uma consulta com um especialista.

O atendimento no Serviço de Atenção Primária é tido, por alunos e funcionários, como bom, mas a reclamação é sempre a espera. Ana, uma das técnicas de enfermagem, explica: "Nós atendemos quase noventa pessoas por dia. A maioria é de estudantes que têm pressa por-

que têm aula e não podem esperar. Só que há uma sobrecarga em determinados horários e a espera se faz necessária".

O setor de Emergências também enfrenta problemas. Diariamente são atendidas, em média, 60 pessoas. A maior parte são pessoas que vêm do interior. Uma das reclamações, aqui, também é a espera. Lilian, enfermeira desse setor, afirma que há falta de pessoal: "Em alguns turnos, principalmente da noite, há somente três pessoas para atender aos casos de emergência".

Outra deficiência do setor é a área física. A emergência ocupa um espaço reduzido, quase todo ele dividido em pequenas salas, onde as funcionárias mal têm espaço para circular entre macas e o pessoal que espera para ser atendido.

Novo tratamento para quem sofre de doenças renais

De agora em diante as pessoas que sofrerem de doenças renais têm na Capital uma oportunidade de tratamento que irá, segundo os médicos, modificar totalmente suas vidas. É que o Hospital Celso Ramos acaba de implantar um novo método que substitui a hemodiálise com êxito. Trata-se do método conhecido por Diálise Peritoneal Contínua.

Com este novo método, o paciente ao invés de ficar de 4 a 5 horas num hospital para fazer a limpeza do sangue pela hemodiálise, poderá fazê-lo em casa pessoalmente.

De acordo com a enfermeira responsável pela operação, Rosane Maciel Vieira, é necessário primeiramente a implantação de um cateter, através de uma cirurgia abdominal, a adaptação de um equipo — que será trocado uma vez por mês — e de uma bolsa comum de plástico, para coleta de material, que deve ser trocada quatro vezes ao dia.

Este processo conhecido como DPC, foi implantado no Brasil em 1980, pelo médico Riella, de Curitiba, e até hoje 159 pacientes de todo o país — entre eles três em Santa Catarina — estão fazendo este tipo de tratamento.

Para o médico Silvio Schmidt, responsável pela diálise do Hospital Celso Ramos, "este tratamento facilita a vida do paciente, já que possibilita maior liberdade para o mesmo, ao contrário da hemodiálise, em que o doente teria que vir quase diariamente ao hospital para limpar o sangue, além de baratear o custo para o Inamps".

Este novo tratamento é muito importante para os pacientes residentes no interior do Estado, que praticamente teriam que morar em Blumenau ou Florianópolis para tratamento de hemodiálise que, se não for regular e bem feito, pode vir a ser fatal.

Carência de córneas no Banco de Olhos da Capital

Em Florianópolis, 12 pessoas — entre elas uma criança de quatro anos e um senhor de 52 anos — estão à espera da doação de uma córnea.

Há no Brasil uma carência de 100 mil doadores e no Banco de Olhos de Florianópolis estão inscritos 2.050. Atualmente, milhares de pacientes precisam ficar numa lista de espera e, têm de aguardar pelo menos 11 anos para fazer um transplante. Não há limite de idade para ser doador ou beneficiado. E mesmo quem tem alguma deficiência nos olhos como miopia, astigmatismo, catarata ou outras doenças, poderá fazer sua doação de qualquer forma, pois apenas a córnea é aproveitada para o transplante, sendo o restante utilizado em pesquisas de doenças oculares.

Em Santa Catarina, há bancos de olhos em Florianópolis, Joinville, Blumenau, Criciúma, Chapecó, Itajaí. São sociedades civis sem fins lucrativos e estão à disposição de doadores, voluntá-

rios e pacientes que queiram se inscrever como futuros beneficiados. O Banco de Olhos de Florianópolis, especificamente, não tem finalidade cirúrgica, mas está incumbido de conseguir as doações e cedê-las aos cirurgiões responsáveis pelos transplantes. Este recolhimento e sua distribuição são totalmente gratuitos.

Para ser doador é muito simples: basta preencher e assinar a ficha de inscrição fornecida pelo Banco de Olhos. A retirada dos olhos só é realizada após a constatação da morte, feita pelo médico. A família do doador deverá estar preparada para avisar o Banco de Olhos imediatamente pois os olhos poderão ser retirados somente até quatro horas depois de seu falecimento.

Muitas pessoas vão ao Banco de Olhos, pedem informações sobre como ser doador, conversam com a secretária e saem dizendo que voltam mais tarde, mas desistem da ideia talvez por falta de um preparo psicológico anterior.

A medicação indiscriminada prevalece ao bom senso recomendado pelos médicos

MARCOS HEISE

Passar uma noite seguindo literalmente o refrão do famoso samba do mestre Luís Antônio — "Eu bebo/ sim /Estou vivendo/Tem gente que não bebe e está morrendo" — imortalizado na voz de Elizeth Cardoso, quase sempre acabará em ressaca. É um estado de indisposição do bêbedo após a cura da bebedeira, que leva cada vez mais pessoas a procurarem medicamento de quaisquer origens nas farmácias.

A pessoa com ressaca perde o senso de humor — fica intratável e de mal com o mundo. Normalmente ela não sabe que durante esta fase o seu organismo está procurando normalizar a situação.

Há quem diga que a ressaca é um estado de espírito. Cabe ao atingido saber sair dela com galhardia. A classe médica tem os seus diagnósticos e a indústria farmacêutica se apressa para colocar um número sempre maior de medicamentos e atender a esse tipo de freguês.

Tudo indica que a ressaca virou um negócio muito lucrativo. Isso pode ser constatado tanto em farmácias halopáticas (remédios químicos) como nas homeopáticas (remédios naturais). A dor de cabeça e a ressaca já levam o mesmo número de pessoas aos balcões de farmácias. Normalmente as duas coisas andam juntas.

A nível de homeopatia, um dos ramos mais emergentes na área da medicação, a grande coqueluche do momento é o alcachofra. Bem instruídos, os vendedores asseguram serem infalíveis aos efeitos desta planta em cima da bebida alcoólica em excesso.

Mas o receituário homeopático não se limita a um único produto. Indica-se chá de boldo, de jurubeba e outros tipos de plantas em forma de ervas, soluções e elixires. Na ânsia de se verem livres o mais rápido possível dos efeitos da ressaca os consumidores misturam ervas tidas como desintoxicantes a produtos químicos da halopatia, inclusive.

A rede de farmácias halopáticas tem um naipe variadíssimo de opções a quem procurar alívio para as sensações tão conhecidas após um "porre". Vende-se mais Epocler, Eparec, Olina, Hepatovis, Estomanol, Estomazil, Sonrisal, Sal de Frutas, Engov. É costumeiro os clientes solicitarem associações entre dois e até três produtos diferentes.



Ressaca, ao que parece, virou moda. Ela serviu inclusive de motivo para que uma rede de televisão criasse um quadro em programa humorístico.

Quem já passou por este problema uma ou mais vezes adota medidas de prevenção para evitar a ressaca, ou recorre ao folclore criado pelos bebedores assíduos e boêmios, o tão conhecido manual que corre de boca em boca e pretende ensinar a se beber bem e a sair-se igualmente bem no dia seguinte.

Na parte de prevenção, recomenda-se muito um estômago "calçado" com alimentação gordurosa, ou, ficar na mesma bebida a noite inteira, sem misturar entre bebidas fermentadas e destiladas.

Se nada disso der certo, os bebedores

mais assíduos recomendam a ingestão de mais dose ou garrafa no dia seguinte. Consta do folclore criado em torno da ressaca que este processo significa "tirar o mercedinho da lenta", ou seja, a tremedeira das mãos.

Outros preferem dividir a ressaca em três estágios. O primeiro é quando se acorda e se "desconfia" que o organismo vai mal. O segundo é quando a pessoa vai para a rua e assume que está com ressaca. E o terceiro e definitivo corresponde a uma nova incursão em um bar para promover o rebote.

Os médicos concluem que a incidência de distúrbios orgânicos causada pela ingestão excessiva de álcool parte da premissa de que o álcool é uma droga socialmente

aceita. Bebe-se muito na nossa sociedade. Nos inúmeros acontecimentos do meio e que envolvem reuniões de pessoas haverá bebidas alcoólicas disponíveis. Outra constatação agora, na psicologia: beber é um início de maturidade e de masculinidade.

O que realmente influi se uma pessoa sofrerá com uma ressaca parte do quanto ela vai consumir e se o organismo tem condições de absorver a quantidade de bebida ingerida sem alterar em demasia o fluxo de funcionamento normal dos órgãos viscerais.

Uma coisa é certa: os médicos acentuam que não existe muita diferença entre as bebidas destiladas e fermentadas. Quatro doses de uísque equivalem a uma garrafa de vinho. Neste caso, o bebedor de vinho terá um pouco menos problemas intestinais e estomacais, pois os fermentados são menos irritantes da mucosa intestinal.

A nível interno, o processo que deixará uma pessoa com ressaca é o seguinte:

1) o consumo de uma quantidade demasiada de álcool implicará diretamente num desequilíbrio do funcionamento de dois órgãos: estômago e intestino.

2) O álcool tem uma tendência volátil bastante alta e penetra na circulação com muita facilidade. Antes de chegar ao cérebro, passa pelo fígado, órgão encarregado de promover a filtragem.

3) O fígado tentará livrar o organismo das partículas de álcool juntamente com o rim. A ingestão excessiva altera o fluxo energético e compromete as funções destes órgãos.

4) Ainda o mesmo fígado tem a função de promover a quebra das moléculas do álcool a fim de criar os sub-produtos que serão eliminados pelo rim e vesícula. E enquanto ele não normalizar este processo a pessoa permanece com a ressaca.

Quando a boemia recomenda se tomar "mais uma" simplesmente vai ocorrer a continuidade do processo, ou seja, o sujeito torna a embriagar-se prolongando a ação excepcional das vísceras.

É muito mais interessante que, após a ingestão excessiva de álcool — dizem os médicos — se alimente o organismo de frutas e verduras em seu estado natural. Elas atuarão diretamente no estágio da quebra de moléculas, influenciando numa compensação mais favorável ao organismo da pessoa.